

Tanto ou
tão pouco



Tomás Eon Barreiros

Tanto ou
Tão pouco

Tomás Eon Barreiros

Copyright © 2017 Tomás Eon Barreiros

Leitura crítica e orientação editorial

Fábio Marchioro

Projeto gráfico

Nancy Marchioro

Ilustrações

Mónica Defreitas Smythe

2017 – Todos os direitos desta edição reservados a Tomás Eon Barreiros
www.tomasbarreiros.com.br | tomas@tomasbarreiros.com.br

Vídeos e áudios com declamações dos poemas podem ser
acessados no site do autor: www.tomasbarreiros.com.br/poemas

Dados internacionais para Catalogação na Publicação (CIP)
(Monica Catani M. de Souza, CRB-9/807, PR, Brasil)

B271 Barreiros, Tomás Eon.
Tanto ou tão pouco / Tomás Eon Barreiros.
Curitiba : Edição do Autor, 2017
184 p. : il.
ISBN 978-85-923076-0-8
1. Poesia brasileira. I. Título.

CDU 82-1(81)

Tanto ou
Tão pouco

Tomás Eon Barreiros

Sumário

A inteireza dos cacos	9	Restos	45
Apresentação	12	Sexo-Amor-Nexo	46
Livro 1	15	Disparidade.....	47
Vida	15	O que é amor	48
Mentira.....	17	Cadê.....	49
Drummondiana 1	18	Teu mel.....	51
Manifesto.....	19	Por que te amo	52
Fauna	21	Fatalidade.....	54
Viagem.....	22	Súplica	55
Músicas.....	23	Quero amor	56
Ouro	25	Curitiba.....	59
Drummondiana 3	26	Vórtice.....	60
Pão?.....	28	Fé	61
Aprendizado	29	Prece	62
Vício	31	Oração	63
Sentido.....	32	La nuit tombe... ..	64
Carta.....	33	...Ao cair da noite.....	65
Despedida	35	Natal	66
Passado.....	36	Mensagem	68
Vida	39	Palavra	69
Medicina.....	40	Realidade	70
Amor	41	Resposta.....	71
Tu és a cidade.....	43	Viver de poesia.....	72

Vagamusa.....	73	Drummondiana 2.....	103
Poemas.....	75	Angústia.....	104
Ausência.....	76	Arqueologia.....	105
Família	77	Vazio	106
Filho	78	Náufrago	107
Mãe.....	79	Sinestesia.....	109
Neto e avó.....	80	Somamos.....	110
Tarsila	81	Tristeza.....	111
Meu irmão	82	Chance	112
Ao poeta amigo.....	83	Só	113
Livro 2	85	Solidão	115
Medo.....	86	Perdido.....	116
Círculos	87	Incoerência	117
Não.....	89	Cheiro	119
Última	90	Leminski	120
Encontro	91	Tentativa	121
Lição	93	Res Publica.....	122
Anatomia	94	Sofia	125
Raio-X	95	TFP.....	126
Infância	97	Viaduto estaiado.....	127
Trânsito	98	Livro 3	129
Conto de fadas	99	Dilema	130
Fome	100	Sonho.....	131
Pó.....	101	Piedade.....	133

Prazer	134	(Não eco)lógica	158
Urgência	135	Estrela	159
Saudade	136	Gol	160
Casa velha	137	Queda poética	161
Sorriso	138	Sobrevida.....	163
Revolução.....	139	Fusão	164
Basta.....	140	Disfarce	165
Leveza	141	Primavera	167
Segredos	142	Pintura	168
Amar	143	Bênção.....	169
Cores	144	Miragem?	170
Sono	145	Rio	171
Amor.....	146	Mar	172
Prisão	147	Paródia	173
Aurora	148	Nublado	175
Vento.....	149	Inverno	176
Brilho	150	Borboleta.....	177
Passagem	151	Saudação	178
Aviso	152	Lar.....	179
Visão	153	Mudança	180
Morte	154	Fim.....	181
Sonhar.....	155	Sobre o Autor	182
Noite	156		
Futuros	157		

A inteireza
dos cacos

que faz do poeta alguém que transforma a sua experiência em algo sensível para o outro é o seu ver diferente. Ou o seu “ver diverso”, como enunciado num dos primeiros versos deste livro de estreia de Tomás Eon Barreiros. Um ver sem amarras, de margens largas, aberto ao todo.

Mas como esse ver, sendo tão uno e vário, é capaz de criar um universo próprio? Aqui, ele se assemelha à arte de recontar o mundo por meio de vitrais. Sim: eis, em suas mãos, fatias de vida capturadas pelo talento cortante do poeta. Um poeta sem medo de mostrar, através de fragmentos, a integridade de seus ideais.

Suas “cenas” não hesitam na temática – são incisivas: o corpo sensual da mulher e da cidade (Curitiba), o amor em suas muitas voragens, as memórias da infância, o território familiar, a visada crítica diante do mundo contemporâneo, o ofício do poeta. Nelas estão expostas (e, por vezes, ocultas) as suas matrizes poéticas – Drummond, Bandeira, João Cabral, Pessoa –, luminares que a sua poesia louva e desafia a um só tempo.

E como se o mosaico resultante desses pedaços pedisse ainda mais singularidade, variados minipoemas, alguns deles haikais, de fortes efeitos visuais e musicais, avultam na parte final da obra.

Como “Náufrago”:

Mar
Maré
Maremoto
Mar remoto
Motor
Remo
Morto

Ou “Disfarce”:

Branca e leve espuma
disfarça a fúria contida
nas vagas do mar

Ou ainda “Inverno”:

*Sob a branca neve
toda a tristeza do mundo
parece escondida*

Mais? Basta ir ao epigrama “Dilema”:

*Servir
ou
ser vil*

Ou a “Sonho”:

*Insisto:
enquanto sonho,
existo*

Aí está o segredo deste volume. Conforme avançamos por suas páginas, novas luzes ganham com o sol de nossa leitura – posto que a sua configuração original, metonímica, o permite.

Vitrais de muitas cores, esse “ver diverso” de Tomás Eon Barreiros cintila intensamente nos versos de *Tanto ou tão pouco*. Que você, leitor, possa capturar toda a beleza neles retratada.

João Anzanello Carrascoza

Apresentação



o poeta se exige sentimento
e um “ver” diverso: visão distinta,
insubmissa às gerais normas;
um “ver” de versos sem amarras,
que não raro esconde o óbvio
e revela das coisas seu verso.
O poeta sintetiza desejos,
pensamentos, sentidos:
às vezes, em minúsculos poemas
que muito dizem;
outras, em longas linhas
que tudo escondem,
mas, por isso mesmo,
tocam cordas ocultas
na alma de quem as lê.
Vai assim semeando
sensações suscitadas
em múltiplos poemas
dos mais vários estilos,
com mais ou menos
rima, métrica, ritmo,
na roda viva da poesia,
a nos fazer mais humanos.

Livro 1

Vida



raga-me sua melhor mentira,
porque verdades não têm sabor.
Vista-se da falsidade que me engane
e só da verdade me deixe impune.
Pois somos sempre o que nos mentimos.
Desde que nascemos, nos mentimos gente:
engolimos a mendaz semente
que nos empresta cor.
Mentimo-nos em sermos humanos,
animais com racionalidade.
Mentimos nossa idade
e só assim caminhamos.
Crescemos nos mentindo
mentiras diversas, deveras mentiras:
homem, mulher, pai, mãe, filho, filha...
Mentiras profissionais já prontas em prateleiras:
secretária, caçador, advogado, parteira,
guarda, militar, prefeito,
cidadão perfeito, alcoviteira.
Mentimos nosso estado, nossa arte,
nosso parto e nossa morte.
Mentimos o tempo passado que não existe,
mentimos o futuro inconcebido,
mentimos tudo que nos mantém vivos.
Mentimos muros, cercas e abrigos,
mentimos corda, força, algemas e sorrisos.
E a maior de todas as mentiras,
a que a todos nos ilude, sempre,
é esta máxima mentira
que se chama vida.

N

o meio do caminho havia uma ponte
Havia uma ponte sobre o rio
Ele teve medo da ponte
E não partiu

No meio do muro havia uma porta
Havia uma porta entre dois mundos
Ele teve medo da porta
E não abriu

Jamais esquecerei este drama
Na sua vida de triste lembrança
Nunca me esquecerei
Que no meio da sua vida
Havia o medo
Que por não vencer
Ele não viveu

Drummondiana 1

Queria mudar o mundo.
Foi à rua em protesto,
gritou palavras de ordem,
cerrou fileiras com a massa.
Armou barricada na praça,
viu de perto a morte.
Sentiu orgulho profundo
quando gritou: “Eu contesto!”
Mas a polícia era mais forte
e não lera seu manifesto:
por ordem superior,
lançou gás, baixou cassetete,
até lhe apontou fuzil.
Sobraram a memória da dor,
uma grande cicatriz
e o fim do sonho juvenil.

Manifesto



Fauna

T

enho aqui dentro
o leão que ruga
e muito amiúde
abate a presa –
ela mesma,
também aqui:
cervo, gnu, javali...
Há uma fauna imensa
enjaulada, presa, atada
nesta alma tensa.
Dela saem, por vezes, manadas
a derrubar e atropelar tudo.
Às vezes, um grou, um colibri,
uma frágil borboleta amarela,
ou um urso, toupeira, burro,
raramente uma gazela,
com frequência um canguru
a saltar obstáculos,
ou, para os oráculos,
um agourento urubu.
E este mundo interno,
selva, zoológico, jardim,
parque ou laboratório
é o que faz de mim
o poeta (e)terno,
o homem ilusório,
o camuflado brucutu.

Viagem

Não há viagem sem fim?
Exceto a minha:
não vejo porto,
horizonte,
terra firme,
nem será a morte
destino derradeiro,
ainda que eu me afogue
dentro de mim.
Este mar infinito
é também eterno.
No milênio futuro,
serei água,
sal, espuma,
onda, tormenta.
Minha alma
sempre sedenta
jamais chegará
ao termo desta senda.
É ciclo, círculo,
a vida, esta viagem:
mudam-se rumos,
novas velas no prumo,
sopro de outros ventos,
alternadas direções,
mas nunca, nunca
se completa
a líquida estrada:
não tem fim
minha jornada.

*H*á músicas
que não posso ouvir.
Elas falam de mim.
Perfuram minh'alma
de botequim.
Posso sentir
lâminas de notas
a me transpassarem,
lembrando-me o tempo
em que eu era eu.
Brotam-me lágrimas
a chorar o que já não sou,
o que se perdeu.

Músicas



S

e estás aqui
e me vês,
nada te peço,
senão que fiques comigo.
Não me exijas nada
e nada me digas.
Só quero estar aqui.
Vês aquele ramo de flores?
Vida amarela a pender em cachos...
Agora, aqui, neste segundo,
é o meu mundo.
Apenas fica aqui
e olha comigo
aquele cacho de flores amarelas
pendente de um galho
sob o peso de sua beleza dourada.
É vida se derramando
e me dizendo apenas
a riqueza do momento.
Não preciso de receitas,
não quero filosofias
ou conselhos...
Quero apenas que fiques aqui
e olhes comigo
o cacho de flores amarelas
a verter seu ouro
neste exato instante
insubstituível
de vida.

Ouro



Quando nasci, nenhum anjo disse coisa alguma.
Largaram-me os céus neste vasto mundo,
e nem me chamo Raimundo:
não tenho rima, nem solução.

Na minha cidadezinha,
vivi uma vida qualquer,
embora qualquer vida
nunca seja uma vida qualquer.

As casas lá nada espiavam,
e as tardes eram alaranjadas
de um cáustico sol,
avermelhando-me a nuca
e esquentando mais
meus desejos secretos.

Drummondiana 3

Não havia bonde, nunca houve.
A estação de trem já previa ruínas,
mas eu via carroças
e cães sonolentos nas ruas.
Preso na infância,
meu coração perguntava sonhos
que os olhos só entreviam.

Sob os bigodes de meu pai,
jorravam poemas de Casimiro de Abreu,
e as muitas conversas ensinavam
literatura, moral e religião.

Nas suas lições, eu não sentia
o divino abandono,
nem era eu fraco, nem forte,
apenas era –
baú de possíveis futuros.

Não percebi a lua,
nunca bebi conhaque.
O que me põe comovido
é o cheiro doce do passado
exalando hoje
quando penso naqueles dias.



Queria o pão,
precisava dele,
e lho davam,
seco e duro.

Queria o alimento,
precisava dele,
e lho davam,
resto imundo.

Não queria apenas isso,
entretanto, não só
saciar o estômago,
matar a dura fome.

Sonhava o pão macio,
a comida boa,
com carinho feita
e ofertada:

saciar-se-ia assim
do afeto ausente
a solidão sem fim.

Pão?

P

ara matar o pássaro,
queria o menino
uma Winchester
de Durango Kid,
como vira no cinema.
Foi mesmo de estilingue,
Cavaleiro Jedi
enfrentando o mal.
Não importa a ave:
o pobre pardal
espatifou-se inocente
na tragédia aprendida.
O golpe certo
da pedra fatal
fez o menino achar-se
Senhor da vida e da morte.
Sentiu o gosto do sangue.
Seria Darth Vader ou Skywalker?

Aprendizado



Vício

De que me valem
a vida, o mundo,
se na esquina,
em um segundo,
eu logo morro?
O corpo inerte
em trapo imundo
sou eu, mendigo,
morto de fome
ou frio ou febre.
Sou eu quem está ali,
naquele homem
que nunca teve
o que lhe roubei
para ser eu.
Tirei-o do coração,
das preocupações,
dos sonhos,
desejos e esperanças
para sobrar apenas
o meu disfarce
de homem bom.
Fui eu quem lhe deu a droga,
a bala, a doença, o vício,
ao virar-lhe a face
e fingir-me dono
deste universo
que não é meu.

E

la sorriu. E bastou um sorriso
para iluminar o céu.

A paisagem muda na janela
disse mais que um milhão de livros.

Um raio de sol, abrigando-se na casa velha
ao atravessar, intruso, uma fresta nas tábuas,
fez diamantes de grãos de poeira.

E nesta soma de quase insignificâncias
ele achou a resposta que tanto buscara:
o sentido da vida é sentir a vida.

Esta que está aqui, bem ao lado,
em torno de nós,
escondendo suas grandezas
em pedacinhos de nada.

Sentido

A

mor da minha vida,
assim vivemos este nosso viver:
entre angústias e sorrisos,
prazeres e dores,
decepções e surpresas...
Por trás dos amargores,
há sempre um doce mel:
um coração que bate por nós,
alguém que nos espera,
lábios em sorriso numa face,
um carinho, um cafuné,
um beijo e um abraço.
Há o gostinho do café
compartilhado em noites de inverno,
um cobertor de pele a nos aquecer...
E quando pesamos tudo nos pratos
que são o balanço da existência,
ficam os dissabores tão pequenos
que parecem, quando muito,
chumbo a sustentar vitral.
A luz que pelo chumbo não passa
incendeia embora os vidros multicores
justamente por haver a sustentá-los
a plúmbea massa.
Essa é a metáfora a nos dizer:
não existiria beleza na vida
se não houvesse, também,
as dores a vencer.

Carta



D

espedir-se para sempre:
nada há mais triste.

A alma que parte
na que fica subsiste
e faz pesarem os dias
em doídas lembranças.

Como a felicidade
transforma-se logo em tristeza!

Como a ausência faz doer
a passada presença!

O amigo que parte
para não mais voltar...

O ser amado que se vai
para nunca mais...

Como então procurar o outro
se o futuro é sempre a despedida?

A vida une
em relação profunda
quem não a buscou.

Mãe e filho, filho e pai, irmãos,
almas apaixonadas que se querem...

A dor sentida
revela o bem que tivemos,
antes não percebido.

É esse mistério do querer bem
que só sente de verdade
quem o teve e não mais tem.

Despedida

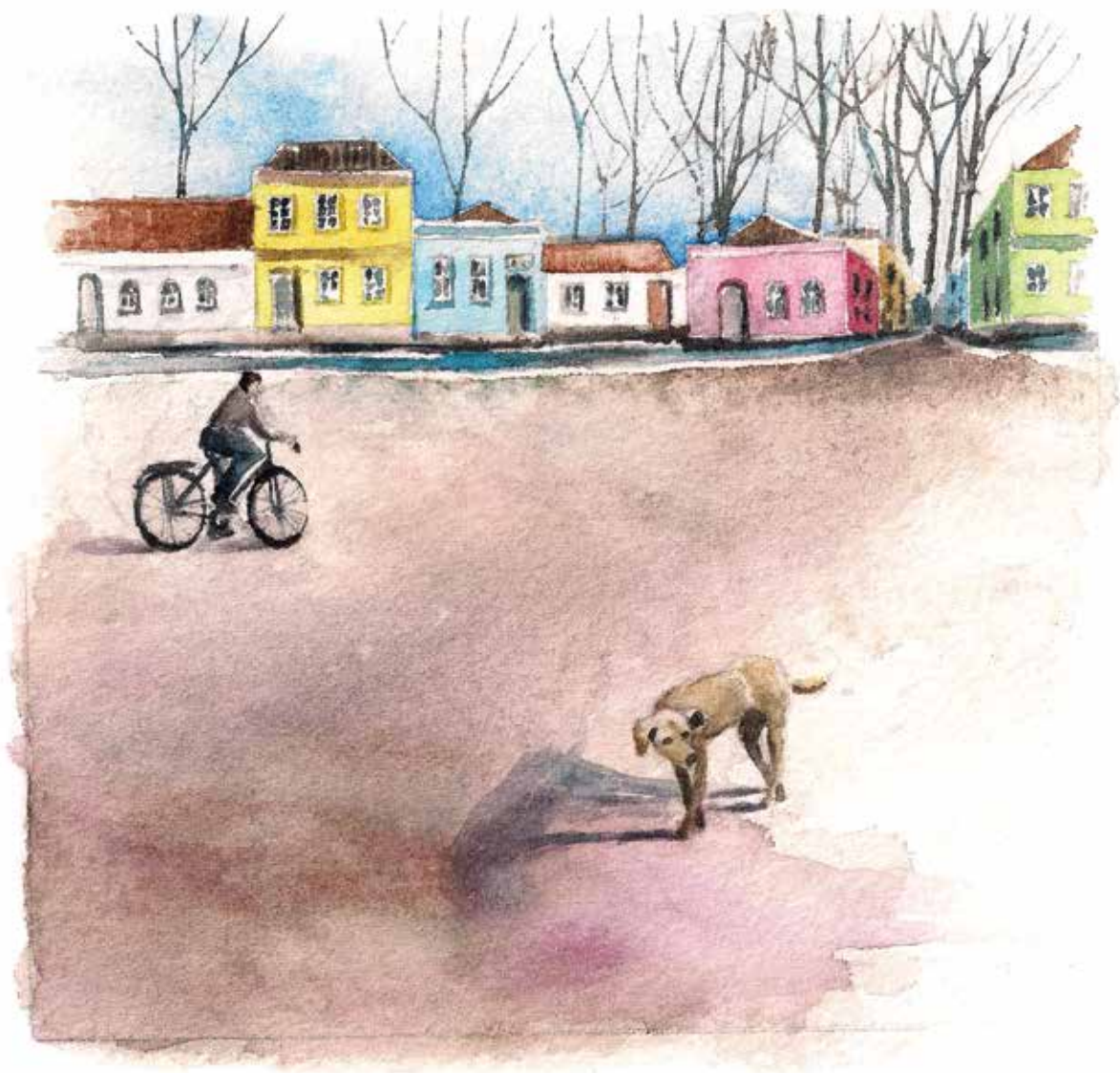
J

oquei bola descalço
Tive caxumba
Levei chinelo na bunda
Torci o pé pisando em falso
Nadei despido no rio
Tomei banho de chuva
Chorei quando vovó morreu
Brinquei de rodar pneu
Rasguei a camisa na cerca
fugindo do boi bravo
Caí do cavalo, ralei-me todo
Ganhei medalha na escola
Quebrei a vidraça
com estilingue
Fiquei alegre só com uma cerveja
Tive a certeza
de que o mundo ia mudar
Aprendi a tocar piano
Sonhei, fiz mil planos
que comecei sem acabar

Passado

Matei passarinho
Lambeu-me de manga
roubada no pé do vizinho
Andei só de tanga
nas ruas de Santos
Escorreguei no tobogã
Tive álbum de figurinhas
carrinho de rolimã
Estudei catecismo
Fiz primeira comunhão
Fui pra diretoria
leve uma suspensão
Catei tampinhas
e papel de cigarro
para o tapete da procissão
Nadei no Clube Norte
Apanhei do João
que era mais forte
Fiz teatro
Dancei quadrilha
Cantei e declamei poesia
no Dia das Mães
Fui pescar com o Papai
só peguei um lambari

Comi bolo de fubá
Um dia cresci
Quando tudo era azul
saí de Cambará
Fui morar na capital
viver em terra estranha
de gente fechada
olhos claros, pele branca
Aprendi inglês
e um pouco de violão
Ouvi falar de amor
sem nunca ter amado
Joguei xadrez e tênis
no Círculo Militar
Fui a discotecas
sem nunca achar ninguém
Encontrei um ideal
que fez meu tempo passar
numa vida sem igual
Forte lembrança...
Um dia fui ferido
acertou-me o cupido
o centro do coração
Não consegui dizer não



E

ntre dias e noites, sonho.

Por que as noites não são todas verão, e os dias, primavera?

Do passado, tenho rasgos riscos traços marcas.

A balança desce à direita, peso de boas lembranças:

pé no chão, pescaria, goiaba no pé de uma cidadezinha qualquer
e um ontem com sabor de dever cumprido.

Do presente, o peso das obrigações que nunca terminam
e a leveza de dois sorrisos:

um de inocência, outro de paixão.

Por que as manhãs não são sempre sábado?

Do futuro, espero a paz.

Quiçá de novo pés descalços, pescarias, goiabas no pé,
talvez ao sussurro de mais sorrisos.

Lá, terei, da labuta, minha paga:

quem hoje produz amanhã colherá livremente.

É depois?

Quem sabe a luz:

ao menos, é o desejo da alma duvidosa.

Vida

*M*édicos não acharam
Suas dores escondidas.
Receitaram conselhos:
“Elimine a bebida!”
“Faça boa dieta!”
Deram-lhe a viver mais
Uma vida que era menos

Medicina

Amor



A

cidade é tua presença.
Vejo-te nela toda:
teus seios nas montanhas que a cercam;
o sangue de tuas veias
a correr nas avenidas;
a grande praça-coração
onde tudo pulsa,
de onde tudo sai;
o centro-cérebro
das decisões estapafúrdias...
(dali saiu a ordem de partir?)
Estou dentro de ti e caminho
sem conhecer teus limites.
Vejo no céu teu sol-sorriso
e o azul de teus olhos.
Lágrimas-chuva
caem sobre mim
em dias tristes.

Tu és a cidade

Sinto outra vez, no verão,
o calor que tive da paixão,
e tua frieza ante meus sonhos
no vento gelado do inverno.
Vejo na primavera
as flores de tuas árvores-cabelos.
Não te esqueço,
és a cidade a iludir-me
de que ainda estás aqui.
A fumaça dos automóveis
é teu sopro cálido em minha nuca.
Sussurros, gritos, gemidos:
os ruídos que a cidade me diz
são todos os teus sons
a me falar ao coração.
Já pensei mudar-me,
mas qualquer mudança me aniquila.
Quero estar aqui,
onde tu permaneces
em cada esquina,
em todas as curvas,
nas sombras da noite,
no calor do meio-dia,
nas casas cheias,
nas ruas vazias.

Vejo tua altivez no alto dos prédios,
e tua perfídia escondida
no fedor dos esgotos.
Encontro ainda teus melhores sentimentos
nas casas humildes e felizes,
e tua elegância nas mansões dos bairros ricos.
Tu estás ainda aqui
a me dizer que a cidade
é presença tua constante.
Sou da cidade, e a cidade é minha,
assim com um dia tu o foste,
e o fui eu em tuas mãos.
E onde estás, senão aqui?
Resta-me vagar por tuas ruas,
mover-me em tuas veias,
esperando um dia
dissolver-me na cidade
ou ver-te outra vez como antes
para amar-te novamente
como tenho te amado
nesta cidade em que és.

E

ntão, fostes
assim, sem aviso,
brisa que sopra
e desaparece.
Restam-me
o frio na nuca,
o perfume,
a lembrança.
De tua passagem,
não fui isento:
tenho-te agora
pedaço de mim
que sempre restará.
Porque somos isto:
pedaços do que vivemos,
passados que nos moldam
no espaço e no tempo.
Doravante,
não pensarei perfumes
sem sentir o teu.
Não amarei
sem pulsar por ti.
Não viverei
sem viver contigo,
aqui dentro,
para sempre.
Nada há que te faça
fugir deste coração:
sou agora um pouco de ti,
és agora um pouco de mim.

Restos

Não quero apenas sexo
o corpo a corpo somente
quero amor de verdade
corpo coração pulsão semente
que tenha sexo também
mas, antes, faça nexos
espírito mente sombra claridade
que me faça levantar cedo
ou acordar tarde
sentindo sempre o medo
de que sem alarde
assim de repente
eu me veja sem ninguém
porque o amor não sente
tudo que pode ser
se não presente
a dor de se perder

Sexo-Amor-Nexo

*D*ois olhares se cruzam.
Um diz sim; outro, não.

Um estende a mão,
O outro a recusa.

Em um, cérebro;
No outro, coração.

Num, o verbo;
Noutro, a canção.

E seguiram assim
Na estreita contradição
Cujo previsto fim
Foi extrema paixão.

Disparidade

A

mor não é paixão louca, tresloucada,
O sonho febril de um coração perdido,
Fogo fugaz de centelhas espargidas,
Feliz demência de alma em madrugada.

Se da paixão pode bem o amor nascer,
Há, muitas vezes, sementes fenecidas
Se a paixão nascente não é mais sentida,
E o crepúsculo apaga o amanhecer.

Mas, se à promessa assiste o sentimento,
Se ao tempo ele resiste, luta e perdura,
Embora sempre mudando de figura,
Constrói-se, afinal, do amor o cimento.

E o tempo passa, e o coração sossega,
E vem a placidez que ergue os castelos,
E o mais estável passa a ser mais belo:
Esta será, sempre, a suprema regra.

O que é amor

C

adê

Você?

Perdida entre-letras-números-da-memória-tempos-passados

Cadê?

Virou risco de lápis numa agenda?

Telefone velho que já mudou?

“Este número mudou. Consulte o serviço de informações”

Informações sentimentais? Psicanalíticas?

Agenda de passados anos, velhos amores, renovadas lembranças

Lembranças que sempre vêm

Imaginando um futuro do pretérito

Que não pode ser

Que não pode haver

Cadê



J

amais terei
Decepção contigo.
Não me pergunto:
Serei amante?
Serei amigo?
Basta-me ver
O teu sorriso.

Mas bem queria
Puxar tuas tranças,
Sentir teu corpo,
Sorver teu cheiro,
Entrar inteiro
No vão que sorvo,
Beijar teus lábios,
Sentir teus traços,
Tocar-te os seios.

Teu mel

Teus ditos sábios
De mulher ousada,
Palavras doces
De musa amada
Só mais me excitam
Enquanto espero
A madrugada
Em que no leito
A beber teu mel
Serei aceito

*E*u te amo porque te amo
E tenho razões,
Muitas, diferentes, contraditórias, várias.
Amo-te porque és e foste,
Porque estás e estiveste.
Amo porque sorris e choras.
Amo porque me amas
E não me amas,
E porque passam os anos,
E juntos estamos
E ainda sonhamos.
Amo porque te amo
E porque tenho raiva,
Pois afinal posso tê-la,
E haverás de compreendê-la.
Amo porque és e pronto.
Amo-te em muitos pontos.
Amo-te no afago da carne,
Nas horas insossas,

Por que te amo

Nas lágrimas que rolam
De teu rosto por mim.
Amo-te porque me angustias
E ralhás e proteges
Como mãe ao filho.
Amo porque me tratas assim,
Como criança ou garanhão,
Conforme a ocasião.
Porque tu cobras e ofereces
E amaldiçoas e balbucias preces
Nas quais não acreditas,
Embora nelas muitas vezes creias
Como último refúgio.
Amo-te porque és loira e morena e castanha,
E teu humor varia mais que as cores dos cabelos.
Amo-te na solidão das horas de desespero,
Na delícia das conversas,
No tédio das horas vazias,
No frenesi dos momentos verdes,
Nas ameaças e medos.
Amo-te porque no teu amor
Gozo e sofro e sinto e cresço
E me perco e desapareço
E me acho e entristeço
E me regozijo e padeço.
Amo-te, enfim,
Porque, neste amor,
Vivo,
Sou,
Existo.

Atriz profissional.
O melhor papel:
Mulher fatal.
Seu último diretor
Morreu de amor
Na vida real.

Fatalidade

N

ão quero nada
De ninguém,
Mas quero tudo
De quem tem.
E para mim
Esse tudo é pouco:
Tão somente
Um amor louco.
Amén!

Súplica

Quero a dor da despedida,
O sabor amargo da partida.
Eu quero amor,
Quem me dá?

Quero a ingratidão mais pungente,
Sentir-me culpado, embora inocente.
Eu quero amor,
Quem me dá?

Quero a decepção e o desgosto,
Quero o prazer sem gosto.
Eu quero amor,
Quem me dá?

Quero amor

Quero virar-me do avesso,
Aumentar o mal de que padeço.
Eu quero amor,
Quem me dá?

Quero a morte da esperança,
A pobreza na abundância.
Eu quero amor,
Quem me dá?

Quero a alma torturada,
A razão transtornada.
Eu quero amor,
Quem me dá?

Quero vagar sem destino,
O pensamento em desatino.
Eu quero amor,
Quem me dá?



A

mo-te, Curitiba,
como homem maduro a amante velha,
em teus dias de quatro estações
tão volúveis quanto humor de mulher.
Não és o familiar regaço
da esposa santa,
mas o colo quente
da amante acostumada.
Tropeço em tuas calçadas-estrias
acariciando pernas cansadas.
Em tuas rugas-ruas esburacadas
de pele curtida,
pouso meus lábios mornos.
Tua pele escalavrada
em maquiada face escondida
ainda assim me entenece.
E esses teus passos, vagarosos,
pesados de idade,
acompanho no mesmo lento andar,
ciente, entretanto, de que passo,
e tu não passarás.

Curitiba

N

em sei de dores: são tantas...
Só tu me encantas.
Se tu fores,
Vai-me junto a vida.
Contemplarei o horizonte
Onde te perdeste de mim:
Não verei teu retorno, eu sei,
Mas o vazio por que passaste
Será o oco, o vão, o vórtice
Onde me hei de dissolver

Vórtice

Fé

*S*enhor Deus,
qualquer que seja vosso nome,
quer sejais constructo humano
ou quem o construiu,
errante fantasma que percorre a história,
suscitando jorros de sangue e lágrimas,
em campos de batalha
ou no silêncio dos claustros,
levando consolo ou alienação,
refrigerando em bálsamo as almas
ou embalsamando-as na letargia,
em papel de réu, vítima, juiz ou carcereiro,
perdão se não vos enxergo às vezes
em meus olhos toldados
por imagens de miséria violência medo horror guerra ódio corrupção
indiferença egoísmo vilania traição decadência morte

Prece

*O*uvi-nos
olhai-nos
amai-nos
sustentai-nos
alimentai-nos
encaminhai-nos
iluminai-nos
conduzi-nos
inspirai-nos
salvai-nos
amém

Oração

P

arfois, quand la nuit tombe,
mon âme pénètre aussi dans l'ombre...
Je pense: qu'ais-je fait de moi-même?
Que de fois j'ai repoussé la lumière
comme ces ténèbres viennent de le faire!
Mais, si enfoncé dans l'amertume
vers le ciel mon regard j'amène
je vois la Lune, les étoiles qui s'allument,
et ces symboles, tout doucement, me disent:
la Lune est Celle qui me pardonne,
et les étoiles, les graces qu'elle me donne

La nuit tombe...

À

s vezes, quando cai a noite,
minh'alma penetra também nas sombras.
Penso: que fiz de mim mesmo?
Quantas vezes expulsei a luz
como essas trevas acabam de fazê-lo!
Afundado na amargura, entretanto,
se em direção ao céu conduzo meu olhar,
vejo a Lua, as estrelas que se acendem,
e esses símbolos me dizem docemente:
a Lua é Ela, que me perdoa,
e as estrelas, as graças que me doa.

...Ao cair da noite



ue flocos de neve são estes,
alvos, puros, brilhantes,
tombando levemente
num mundo invisível?
E esses pinheiros
iluminados de uma luz
só conhecida em sonhos?

Que lugar é este
onde existe um Natal
que não vejo da janela?
Por que só agora
ouço a música
o ano todo silente?
Por que fingir
um Natal que não temos?

Se há alvura, pureza e brilho,
que seja para sempre;
se esta luz de sonhos existe,
que permaneça na Terra,
e de nossas janelas
enxerguemos um Natal veraz
cuja melodia se perpetue.

Natal

Que este Natal,
e os próximos, e todos,
não sejam mais uma ilha
de paz e fraternidade
num mar de tribulações.
Que não sejam jamais
um simples e miserável consolo,
paliativo passageiro
numa vida sem gosto.

Acabem-se as palavras
e os sentimentos piegas
ditos num dia só.
Que se transformem
num legítimo e duradouro
sentimento de amor,
partilha e respeito,
ou desapareçam para sempre.

Que os presépios
estejam fixamente montados em corações,
ou nunca mais por poucos dias
em qualquer que seja o lugar.

A
joelha-se ante o altar
E põe-se logo a rezar.
Nesse exato instante,
Transpõe o rubro vitral
Raio de sol fulminante,
Que inflama a chaga do santo.
Vê nisso um claro sinal,
Desfaz-se em sentido pranto.
Sente então a paz na alma:
Assim devolveu-lhe a calma
O brilho do Deus solar.

Mensagem

Palavra

Q

ue diga a poesia agora:
É hora da realidade dura.
A senda é longa,
A noite é escura,
A vida é breve.
De nada adiantam palavras belas
Se não forem aquelas
Que mudam o mundo.

Realidade

D

esculpe, João, mas não concordo:
feijão cozido – coisa prosaica,
e nossa língua arcaica,
“última flor do Lácio”,
é artigo precioso,
difícil de ser tratado.
Catar feijão, que coisa fácil,
tarefa tátil...
Escolher palavras?
É preciso estro,
o dom difícil
da escolha certa!
O bafo quente que leva a palha,
quem não o tem?
Mas a *souplesse*,
o gênio, a letra,
a inspiração fugaz,
o sentimento, a dor,
saber o mar, a lua,
a estrela, o amor...
Ver além do objeto,
transcender o concreto,
interpretar,
dizer mais que as palavras...
quem é capaz?

Resposta

a “Catar feijão”, de João Cabral de Mello Neto

*D*eus meu, o que faço?
Por que perder tempo com o que não é poesia?
Se minh'alma vive de poemas,
Que meu corpo também.
O que deu em mim
Para que procure cama, comida, dinheiro?!
A poesia me basta.
Quero viver de pessoas e drummonds,
Virar espectro poético
Que tudo diga num punhado de palavras,
Como esses gênios.
Que tudo sinta nos versos,
Capaz de fazerem brilhar
Deus, mundo, homem, amor, vida, natureza
Na estreiteza da folha de papel
Que transpassa corações,
Aprisiona o tempo,
Liberta ou prende almas,
Mas nada deixa incólume.

Viver de poesia

Qual é a tua,
musa vagabunda?
Não vem que não tem
inspiração nenhuma.
Portanto, suma!
Procure alguém
que te assuma
e faça versinhos
bem babacas
neste mundinho patético,
apocalíptico,
apoético.

Vagamusa



Serão bons os meus poemas.
Vou escrevê-los entre o pôr do sol e a aurora.
Não farei ouvidos moucos aos convites da noite.
Assim escritos, entre crepúsculo e alvorada,
terão cor noturna. Soturnos, sombrios, silenciosos,
vão de emitir, no entanto, a luz de mil estrelas.

Poemas

C
omo o branco papel
ante meus olhos
meu coração
nada diz
nada sente
nada teme
nada espera

Ausência

Familia

F

ilho,
nada mais há por dizer:
justifica-me a vida
teu nascer.

Filho

*M*os olhos,
cor do céu
e nuvens do passado.
Escapa-lhe ainda um sorriso,
mas não como antes.
O coração
onde couberam tantos
sente agora
gosto amargo de perdas.

Os passos frágeis
no caminho eterno
e o plissado veludo da face
contam histórias
de muitos tempos:
tempos sem fim,
inesgotáveis
como o amor
que nos envolveu sempre.
Ainda que hoje sejamos outros,
os corações seguem apontando,
como bússola,
o seu por Norte.

Mãe

Virá de novo a noite,
como já veio,
roubar-nos tanto.
Mas se existe esperança
de outra vida,
para além da dor,
há de perdurar
no sem-fim do tempo,
no ilimitado do espaço,
esse amor de mãe.

*N*eto,
que coisa boa!
Avó,
que coisa boba!

Neto e avó

C

omo entender, Tarsila,
tua mensagem?
Anjo anunciante,
o que anunciaste?
Vieste apenas dizer: “és mãe”
e largar-me oca no mundo?
Onde agora busco teu imaginado sorriso?
Por que vieste viver
apenas lembrança?
Por que povoais uma campa
se tinhas quarto e cama?
Que faço com teus brinquedos?
E os segredos que te contaria,
a quem revelarei?
Esperei-te amanhecer e vieste pôr de sol.
Desejei-te manhã e só te conheci noite.
O mundo é cinza.
Tudo anda insosso.
Como posso entender?
Como em 30 centímetros,
720 gramas
e sete dias
cabe tanto amor?
Por que a esperança de antes
tornou-se peso nas entranhas?
Espero um dia
ouvir tua mensagem.
Por ora, peço,
nesta dor que me consome,
que teu legado me seja
a força do teu nome.

Tarsila

Sou caipira
porque quero.
Largo o terno,
vou pra roça;
largo a roça,
visto o terno.

Faço troça,
prosa e verso.
Sempre ajudo
quem eu possa.
Minhas rimas
pobres, ricas
se misturam
nesta vida.

Sou poeta,
dramaturgo,
ator, atleta,
topo tudo.
Pego enxada
ou caneta
na enxurrada
ou na seca.

Corro tanto
todo dia
o dia todo
que o relógio
sempre foge.
Mas se conto
cada pedra
do caminho
percorrido
são diamantes
na estrada
de uma vida
bem vivida.

Meu irmão

F

osse eu Júpiter,
ao poeta ofertaria
trono de ouro e diamantes,
mas quem eu?
Passa o tempo
e não avisa,
só o percebo de relance
no encanecer do espelho
ante o qual fujo-finjo.
Memória-lembrança
vira leve dor escondida
no insulamento do peito.
Onde ando pondo
os tais “dourados pomos”?
Sempre antes ou depois...
Mas ‘inda hei de trazer alguns
(os bons amigos)
ao meu agora...

Ao poeta amigo

Livro 2

A

tormenta-me
o temor latente
de que eu tudo queira
e nada tente

Medo

A

s gotas de chuva seguem caindo
Como caíram sobre dinossauros e castelos.
A mesma infinda água que se transforma
Evaporou-se ao calor de meteoritos,
Nas poças de água e rios, lagos, mares,
Congelou-se mil vezes perto dos polos
Para derreter-se de novo e de novo alhures.
Essa gota que agora molha meu chapéu
Não será acaso a mesma que me pingou
Na testa o padre em pia batismal?

Círculos



N

ão quero,
Não posso,
Não devo,
Não vou,
Não faço,
Não sei,
Não sou.
Espero,
Esboço,
Escrevo
No espaço
A grei
De que sou:
Não faço,
Não curvo
A coluna
Ante força alguma
Que a vergue.
Antes quebre!

Não

Não vivo
No raso,
No rastro,
Na baba
Da casta
Que exala
Tão podre
Odor:
Poder,
Tirania,
Opressão,
Vilania,
A prisão
De amargo sabor.
Não, não e não!
Não quero,
Não posso,
Não devo,
Não faço.
Antes, passo
Meu traço
Nas fauces
Horrendas
A vomitar
Oferendas

Aos deuses
Do mal.
A pena-espada
Escreva afinal:
A promessa
É farsa,
É falsa,
É falácia
É infâmia
Se cala uma voz
A clamar
Contra o vento,
Solitário intento,
Acusando o algóz.
É tirano quem julga
Ser crime viver-se
Tão só o que se é
Sem dobrar-se
Às normas espúrias
A atar na garganta
De fora o nó.
Abaixo o opressor,
O maldito profeta
Da única ideia
Que um mundo projeta
Em que todos pensem
Como se fossem um só.

S
e a morrer
é a esperança
a última,
como ainda vivo?

Última

*N*a árvore, um belo pássaro.
A criança o vê.
Sorri em exultante surpresa.
No encontro das liberdades,
quem é mais feliz?

Encontro



b or que cagou
na janela
o pássaro?
cores sublimes
nas penas,
voo elegante,
agradável canto
e merda cinzenta fosca
na janela
(a minha janela)
a me lembrar:
olha o mundo,
pés no chão,
que não é nossa
a perfeição.

Lição

T

enho defeitos de anatomia,
e são sérios:
mãos muito ligadas
ao coração,
língua perto demais
do cérebro.

Anatomia

E

xames expuseram-lhe as entranhas,
Revelaram seus órgãos internos,
Encontraram mil doenças.
Não puderam mostrar, entretanto,
O amargor profundo da alma.

Raio-X



Sons da infância – ouço-os longe.
Serão minhas próprias vozes de menino
A repetir-se em outras bocas?
Cantigas de roda, gritos, risos...
São os mesmo ruídos a romper décadas?

Infância

*E*ngarraamento noturno.
Os carros vão devagar.
Na linha interminável,
Lindas fileiras de luzes
Escondem angústias particulares.
No ventre aquecido da máquina,
A canção a tocar.
Ruminação de pensamentos...
Ainda ali, o poeta achou epifania.

Trânsito

*E*le queria um conto de fadas
Que aqui, agora, o levasse.
Veria nuvens e neve,
Sentiria o corpo leve,
Voaria sobre montanhas,
Admiraria castelos,
Sentiria novos perfumes...
Viveria um sonho.
Esqueceria o fardo da vida.

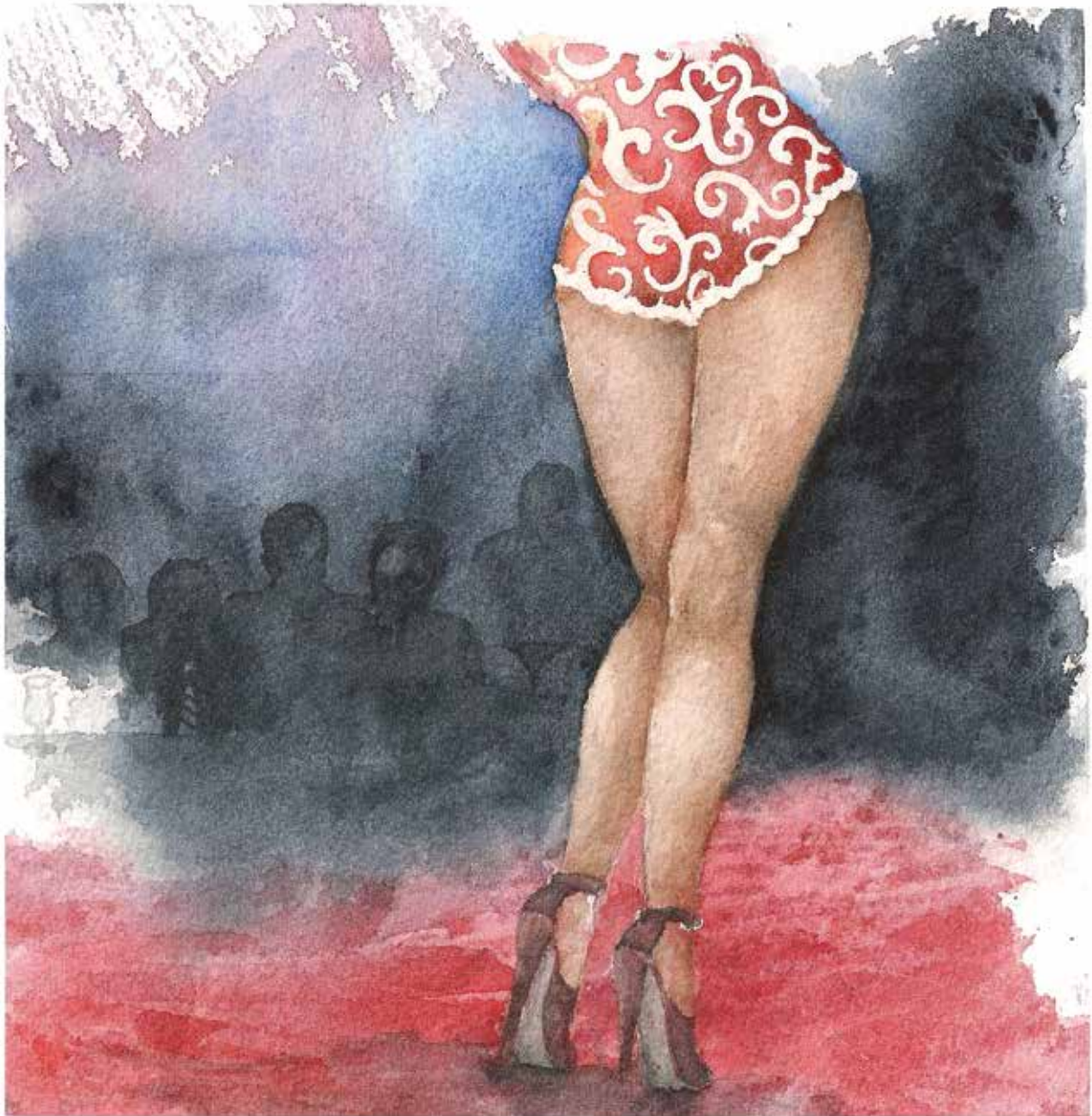
Conto de fadas

E m olhos vãos
se vãos
vãos esperanças
O pão
pelos vãos
dos dedos

Fome

Que pode fazer o pó
Para chegar às nuvens
Senão esperar, tão só,
Que o vento sopra mais forte?

Pó



P

rédios entre chaminés
Putas nos cabarés
Penar dor suor

Um homem vai depressa
Um motoboy vai depressa
Um carro vai depressa
Nas janelas... ninguém olha

E é a outra a vida besta, meu Deus?

Drummondiana 2

*A*ngústia
de ser o que não quero
de só querer o que sonho
de sonhar o que não posso

Angústia

A rqueólogos
encontraram a caveira.
Ela os recebeu
com um sorriso de séculos.

Arqueologia

A

h, não sei se quero ou se não quero,
se sou ou se não sou. Quem sou?
Sinto-me apenas vazios.
Nada soa neste oco de minh'alma,
silêncio de mil ausências,
ecos de indecisões,
decisões não feitas, imperfeitas...
Um eterno efeito borboleta
que apenas me aboleta
no sentimento de nada.

Vazio

M
ar
Maré
Maremoto
Mar remoto
Motor
Remo
Morto

Náyfrago



N

a praia deserta, fechou os olhos.
Ouviu a brisa em folhas de palmeira.
Tocou-lhe a pele o calor do sol.
O aroma do mar entrou nos pulmões.
Deixou-se quieto, a sorver o instante.
Lançou-se então à água, abraçando ondas.
A alvura da espuma purificou-lhe a alma.
Foi o que bastou para sentir-se outro.

Sinestesia

*N*ão somos mais o que fomos,
mas somos só o que fomos
(passado – matéria-prima indelével – não desgruda de nós).
Somos mais: somamos.

Somamos

S
ei que morrerei
E isto me apavora
Não o medo
Do que possa vir
Mas a tristeza
De perder o agora
Um belo presente
Sem porvir

Tristeza

A

proveite a morte
Última chance
De num instante
Mudar a sorte

Chance

S

ó
vi
o
pó,
tão
só
o
pó,
um
fim
pra
mim,
tão
só.

Só



Solidão, companheira constante...
Se estou só, não ela, nunca –
traz sempre acompanhantes:
tédio, desesperança, tristeza
e a incômoda certeza
de que não querem partir.

Solidão

*E*stou aqui, bem sei,
mas não me acho:
não há tempo ou espaço
em que me encaixe.

Sou espantalho,
uma colcha de retalhos:
pedaços de ontem, de hoje
e de amanhã sonhados.

Perdido

*M*a aula de Matemática,
proibem calculadora.
Coisa sem graça!
Melhor então ensinarem
pesca e caça!

Incoerência



M

exerica, poncã,
Tangerina, bergamota...
Pouco importa o nome:
É o cheiro que se come

Cheiro

*E*m 2014, se não tivesse partido,
Leminski chegaria aos 70,
idade em que, havia dito,
terminaria a adolescência.
Então, com a certeza toda,
(isso sou eu quem digo),
seria um velho muito foda!

Leminski

E

u tento.
Eu me sento.
E tento.
Cento e quarenta
Vezez,
Eu tento.
Ela tenta.
Ela se senta.
Cento e quarenta
Vezez,
Ela tenta.
E nada...
De nada adianta
Tentar tantas vezes.
Agora já são,
Pela Virgem Santa,
Trezentas
E noventa
E quatro.
Não adianta,
De fato.
Ela inventa,
Inova, tenta.
Mas lá se vai
Mais uma: são
Quatrocentas.
E, de novo,
Nada há que faça
Ficar em pé
Este ovo.

Tentativa

— A

lô! Então? Chegaram?

— Sim. Tomaram posse de seus gabinetes.

O cheiro podre das ruas não afeta o ar refrigerado.

Cortinas de seda e altos carpetes abafam os gritos de fora.

Confetes cobrem o vermelho sangue.

Ao choro das crianças, sobrepôs-se o rufar dos tambores.

— E o jardim? Restam flores?

— Foram todas pisadas.

Continuam duros os coturnos, mesmo sem o verde-cáqui.

A dolosa apatia coleciona vítimas.

Res Publica

Estão desocupados muitos braços sem nome.
Estatísticas acobertam oficialmente a fome.
A indiferença avizinha-se da dor,
amortecendo consciências.
– E os opositores?
– Escasseiam, afogados em temores, cumplicidades, comodismos.
Prolixos discursos fáceis escamoteiam a inação.
Só promessas jamais cumpridas.
– Onde, então, a Esperança?
– Há de existir. Há de existir!
Escondidos no silêncio dos inocentes,
haverá corações que não endurecem,
almas que não se vendem,
mentes que não se entregam.
E desses espíritos tudo há de renascer!



F

oi num prosaico mercado:
Conheci uma bela moça
Cujo nome era Sofia.
Trazia ela em seus braços
Um bebê, linda criança,
Que se chamava Letícia.
Ali me foi comprovado:
A alegria, não resta dúvida,
É nobre filha da sabedoria

Sofia

A

gora não ruge
O leão dourado
Está soterrado
Nas cinzas do muro

TCF P

*B*em-vindos, visitantes
que chegam do Sul!
Curitiba os recebe
de braços abertos.
Se nosso céu
raramente é azul,
ao menos mostramos,
logo de cara,
num monumento em concreto,
o nosso falo ereto.

Viaduto estaiado

Livro 3

S
ervir
ou
ser vil

Dilema

*I*nsisto:
enquanto sonho,
existo.

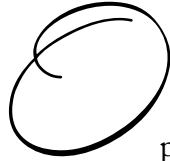
Sonho



A

ssistou a mira.
Por um só pio, desistiu
de matar o pássaro.

Piedade



prazer em tudo
(amor, trabalho, estudo):
a vida perfeita.

Prazer

*N*ão te atrases, querida:
lá fora, impaciente,
aguarda-nos a vida.

Urgência

N a parede, o fato:
vontade de estar contigo
ao ver teu retrato

Saudade

*D*e cada cantinho salta
uma vontade danada
de viver tudo outra vez

Casa velha

F

ez a sua prece.
Notou um leve sorriso
na face do Cristo

Sorriso

*B*ela flor de maio,
sob pés de revolução,
morreu esmagada

Revolução

*E*star neste mundo:
apenas isso me basta,
não quero ir mais fundo

Basta

*L*argou a bagagem
justo ao meio do caminho:
chegou bem mais leve

Leveza

A silente noite
a me segredar seus sonhos:
a vida ainda é bela

Segredos

*E*star sempre junto,
não pensar em nada mais
no mundo: só amar

Amar

C

éu, mar, rio, flor, fruto:
provou de todas as cores
ao longo da estrada

Cores

Silêncio na noite.
Há mil corações abertos.
A alma não dorme.

Song

*N*o teu fundo olhar,
vislumbrei nosso futuro.
Como não te amar?

Amor

T

evê colorida:
por que prenderam a vida
em uma caixinha?

Prisão

E

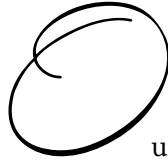
le entendeu tudo:
era hora de estar mudo
vendo a luz do mundo

Aurora

S

ó o vento veio.
Soprou-lhe os cabelos negros,
dividindo ao meio

Vento



uro? Brilho fosco.
Brilha mais o teu olhar
a deixar-me louco

Brilho

E veio o tempo:
levou-lhe tudo que tinha,
só deixou a morte

Passagem

P

assa o vento tépido.
É o tempo a prevenir:
“jamais voltarei”

Aviso

P

odia ver tudo
do alto daquele monte,
mas era tão longe...

Visão

E is o fim de tudo:
entrou chorando na vida,
mas sairá mudo

Morte

Sonhos assim sonhados,
sem barulho, sem alarde,
só no olhar revelados

Sonhar

*N*o frio céu noturno,
em miríades de sonhos,
estrelas se abrindo

Noite

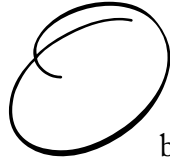
P

ousou nela o olhar
e enxergou futuros:
amor, filhos, lar

Futuros

Um pássaro chato
me acorda toda manhã.
Adotarei um gato

(Não eco)lógica



brilho da estrela,
mais que nela, está nos olhos
de quem sabe vê-la

Estrela

E ntra no gol a bola.
Exaltado na explosão da massa,
chora o artilheiro

gol

H ai! Cai o poeta,
despencando vem de cima:
seu grito é uma rima

Queda poética



V

ontade de vida:
foram além do seu mês
as flores de maio

Sobrevida

C

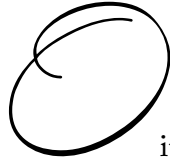
éu e mar azuis
a namorar no horizonte:
dois se fazem um

Fusão

*B*ranca e leve espuma
disfarça a fúria contida
nas vagas do mar

Disfarce





ipê amarelo
verteu lágrimas de Sol
ao redor do tronco

Primavera

*A*o nascer do Sol,
brinca a natureza alegre
colorindo nuvens

Pintura

C

ai a chuva forte.
Abençoam a terra
lágrimas celestes

Bênção

A estrela está lá
ou será só a miragem
de um astro extinto?

Miragem?

C

orre o rio impávido,
tudo leva o leito frio:
a vida em metáfora

Rio

A

brisa do mar
é Netuno a murmurar
palavras de amor

Mar

C

anoro canário
vivendo com os pardais:
seu canto é chilreio

Paródia



Muitos tons de cinza:
é o céu de Curitiba
alterando humores

Nublado

Sob a branca neve
toda a tristeza do mundo
parece escondida

Inverno

*B*orboleta azul:
um pedacinho de céu
voando na Terra

Borboleta

A

Estrela D'Alva
esperou chegar o Sol
antes de dormir

Saudação

P

erdeu-se o peixinho
na infinitude do azul,
seu líquido lar

Lar

D

a noz bem guardada,
semente vira alimento
ao romper da casca

Mudança

C

omeço o fim
em meio a mim

Fim



Sobre o autor

Tomás Eon Barreiros nasceu em Cambará-PR, em 26 de janeiro de 1962. Até os 14 anos, sendo neto de produtores rurais, viveu muito próximo ao campo – com atividades infantis que incluíam pescar (de vara e peneira), caçar passarinho com arapuca e estilingue (embora nunca tenha conseguido acertar nenhum) e andar a cavalo (o que lhe valeu vários tombos memoráveis).

Aos 14 anos, mudou-se com a família para Curitiba. Com 17 anos, engajou-se em um movimento católico radical, no qual permaneceu até os 32 anos. Nesse período, viajou por grande parte do Brasil e morou

em diferentes cidades (São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador por mais tempo).

Amante dos esportes, colecionou, desde a infância, medalhas em diferentes modalidades: natação, voleibol, handebol, futebol (de salão, society e de campo) e xadrez. Também praticou várias artes marciais: judô, karatê-do tradicional, karatê kyoko shin kai e taekwondo.

Graças ao incentivo e ao exemplo dos pais, cresceu amando as letras. Desde que aprendeu a ler e escrever, essas lhe foram atividades constantes e prazerosas. Seu pai (Paulo), advogado, era apaixonado pela literatura brasileira, especialmente a do período romântico. Declamava poemas de cor (seu poeta predileto era Casimiro de Abreu), compunha quadrinhas jocosas e deixou um romance publicado postumamente (“Uma cruz à beira da Estrada”, Editora Pós-Escrito). A mãe (Alayde), formada primeiro em piano, depois em música e finalmente em Direito, costumava embalar o sono dos quatro filhos tocando seu instrumento preferido.

O ambiente familiar inspirava artes. E também ciências jurídicas: além dos pais, os três irmãos (Araon, Eriel e Noara)

graduaram-se bacharéis. Direito, aliás, foi um dos cinco cursos superiores iniciados por Tomás – os outros foram Medicina, Odontologia, Psicologia e o único no qual se graduou, Jornalismo. Esse gosto pelo estudo rendeu-lhe ainda três especializações (Língua Portuguesa, Psicopedagogia e Gestão Profissional do Futebol), um mestrado em Comunicação e Linguagens e um doutorado em Ciências da Educação.

Como jornalista, Tomás trabalhou em emissoras de rádio e TV, em diários impressos e em agências de comunicação (chegando a ser dono de uma). Por 16 anos, lecionou Jornalismo em instituições de ensino superior do Paraná e de Santa Catarina, ajudando a formar uma geração de jornalistas cujos expoentes estão hoje brilhando em alguns dos mais importantes veículos e instituições da Região Sul e do Brasil. Recebeu cerca de 50 prêmios e moções de reconhecimento, especialmente relacionados ao seu trabalho de professor. Tem em sua carreira de produtor editorial participação em mais de 50 obras (em diferentes funções: autor, organizador, editor, apresentador, revisor, projetista gráfico...). Como autor ou organizador, publicou quatro livros de Jornalismo (“Jornalismo e construção da realidade”, “Jornalismo –

reflexões, experiências, ensino”, volumes 1 e 2, e “Entrevista Coletiva”, volume 2) e uma obra coletiva de poesia (“Poetar I&C”). “Tanto ou tão pouco” é seu primeiro livro individual de poemas. Também produziu dezenas de textos acadêmicos (de Comunicação e Direito) publicados em periódicos científicos e apresentados em eventos.

Dentre as muitas experiências de vida enriquecedoras, que o ajudaram no ofício de poeta, gosta de citar a vida efêmera do palco e da tela (é ator profissional); as inúmeras caronas – de carro, caminhão e até algumas de avião – que o ajudaram a percorrer o país; as viagens de mochila nas costas e noites em albergues da juventude; a travessia do Rio Iguaçu a nado (indo do Brasil à Argentina 7 km a jusante das Cataratas); os anos de voluntariado – nos quais, em incontáveis dias, não sabia onde dormiria e o que (e se...) comeria – que lhe possibilitaram fortalecer a têmpera e tomar contato com uma infindável variedade de lugares e gentes.

Aos 55 anos, é casado com Yvana (advogada e jornalista) e pai de Tomás Yvan (estudante universitário). E não se sente acomodado: nunca para de pensar em novos projetos e planejar outras aventuras.

Esta obra foi composta por ImagineNation Cultura Criativa (<http://www.imagination.com.br>) em Adobe Caslon Pro e Scriptina e impressa pela Gráfica Capital em off-set para Tomás Eon Barreiros em junho de 2017.